

28 DEZ. 1964



1964  
12 DE DEZEMBRO  
ANO VIII  
N.º 38

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1  
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

# ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores  
Carlos Frayão e Manuel Bettencourt

Redactor Desportivo  
João Castro

Administradores  
Luís Gonçalves e Herberto Faria



## A que veja da janela da meu quarta

É uma janela vulgar, ampla, com uma longa cortina branca, como a minha alma de adolescente, a velar cuidadosamente o meu mundo, a minha intimidade de jovem sonhadora, mas deixando ao mesmo tempo ver, embora um pouco nebulosamente, o que se passa lá fora. Não é que me interesse demasiado saber a cada momento o que vai pela rua, os sorrisos, as ansiedades, as dores e alegrias, numa palavra, a vida de cada um. Nada disso. Apenas quando estamos sós e somos jovens, dominados pela nostalgia própria da nossa pouca idade, sem nada a fazer a não ser pensar, vem-nos por vezes a ideia, mesmo sendo mínima a nossa curiosidade pelo próximo, de tentar descobrir o que se encontra atrás de cada rosto, guardado cuidadosamente em cada coração. É aquela janela aberta para a rua, com os seus pequenos vidros iguais, transparentes e simétricos é uma reveladora involuntária do que vai pelo mundo. Nem as gelosias conseguem ocultar por completo a realidade alegre ou pungente do que se passa lá fora.

Eu tenho afecto, um afecto profundo por aquela janela que, muda espectadora, tem assistido ao desenrolar da minha vida, ao nascer e fenecer dos meus mais belos sonhos, à minha tur-

bulência natural de jovem que sente correr nas veias o sangue ardente e buliçoso, esse maravilhoso elixir da juventude que nos faz ver tudo cor de rosa, mas de rosa única, privilegiada, sem espinhos, como só uma mente na flor da idade será capaz de idealizar. As dificuldades da vida, as dores profundas e sem remédio, que deixam o coração a sangrar e vão pouco a pouco encanecendo os cabelos, virão depois, muito mais tarde, quando o sangue deixar de correr impetuoso nas veias como uma corrente caudalosa e cheia de rápidos, para tornar-se mais calmo, mais cansado e dolente, como um rio que desliza docemente, por entre margens frondosas e verdejantes, até à foz. É então que o véu roxo nos cobre, substituindo a rosa da mocidade, e a vida começa a ter para nós, já adultos, o verdadeiro significado. Mas enquanto isso não acontece, vamos desfrutando a despreocupação da nossa pouca idade, e ao mesmo tempo passando longas horas a sonhar. Aliás para nós, agora, tudo é motivo para sonhos.

Os meus, trago-os guardados dentro de mim. Da minha janela quantos sonhos alheios vejo eu desfilar!...

É a criança de olhos negros, profundos e misteriosos, rosto de boneca e

(Conclui na 2.ª página)

## SECÇÃO ULTRAMARINA (2)

### Portugal de Além-Mar

No principio, Portugal era muito pequeno. Mas depois, com o andar dos tempos e à custa de muito sangue dos seus filhos, foi crescendo, alargando-se e engrandecendo-se.

No advento da dinastia de Avis, Portugal tem todo o seu território continental bem definido. No entanto, as aspirações dos Portugueses são muito maiores. E, não podendo expandir-se para o interior do continente, lançam-se na conquista dos mares.

Lá vão eles nas suas frágeis embarcações através do mar, conseguindo dar ao mundo novos mundos e novos oceanos. Assim Portugal conseguiu formar um vasto Império no Ultramar.

### Almas Cativas

Como temos noticiado, o nosso jornal continua a incluir nas suas páginas o texto de «Almas Cativas».

Esta reedição da obra de Roberto de Mesquita é feita pelo Núcleo Cultural da Horta e pelo «Arauto».

No último ano lectivo, um dos redactores de então, Ricardo Costa, propôs a ideia de ser reeditada pelo nosso jornal uma obra de autor natural deste distrito. Surgiu-lhe a ideia sob o estímulo da 3.ª Semana de Estudos. Como o Núcleo Cultural resolvera já reeditar as «Almas Cativas», associou-se o «Arauto» ao Núcleo para o mesmo fim.

Ainda hoje é um dos poucos países que tem conseguido manter o seu Império Ultramarino, que há séculos, à custa de tanto sangue conquistou, não para o dominar mas sim para o civilizar.

Há poucos anos uma nação que se intitula pacifista, usurpou-nos uma das parcelas do nosso território ultramarino, perante a indiferença do mundo.

Mas Portugal, apesar de tantas afrontas, continua a sua obra civilizadora em beneficio dos que na selva nascem.

Vamos do Minho ao Algarve, como vamos a Timor, Macau, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, não esquecendo a portuguesíssima Angola, onde presentemente os maus olhos estranhos convergem e têm feito regar com sangue e lágrimas aquele torrão da Pátria Portuguesa. Temos províncias Ultramarinas, não para escravizar, mas sim para educar, chamando à luz da razão e da Fé aqueles que nasceram no estado selvagem. Não há diferenças raciais, e para julgarmos bem a acção civilizadora de Portugal, basta olharmos para o Brasil, descoberto, civilizado e evangelizado por portugueses, que ainda hoje têm orgulho de serem filhos de Portugal.

Timor é a província mais afastada, mas mesmo assim não é menos portuguesa. So-

(Conclui na 3.ª página)

Subi as escadas que dão para a Torre. Ia buscar um livro. Mas, quando lá cheguei, já não me lembrava do que ia fazer. A janela estava aberta e o panorama que se disfrutava era tão lindo!

Em frente lá se erguia o nosso majestoso e altaneiro Pico, que tinha um alvíssimo manto de neve. Como se isto não fosse bastante para quem, como eu, se dava ao prazer de contemplar quadro tão belo, o sol declinando, comunicava ao céu uma cor avermelhada, que só o pincel do grande pintor, Deus, sabe dar na velha tela que é o mundo.

Aquém da base da montanha viam-se as pequeninas habitações dos picos que povoam o litoral e nos dão a ideia de rebanhos de ovelhas que pastam.

Uma pessoa que disponha de tempo e tenha a consciência descansada, ao ver aquele grandioso espectáculo que a Natureza nos oferece, medita de certeza na onnipotência do Senhor de todo o Universo, fazendo certamente esta pergunta: como pode um vulcão formar tão grande montanha?

Esta janela mostrava-me também cá na nossa ilha a Espalamaca, qual manta de retalhos, com o seu mosaico de verdura.

Lá está o monumento que representa a nossa homenagem à Virgem e ao Salvador, parecendo abençoar a pequena cidade da

## AOS NOSSOS ASSINANTES

Para satisfazer o desejo de muitos dos seus assinantes, o «Arauto» poderá ter mais duas páginas. Mas tal aumento só se torna viável, sem o consequente aumento de encargos financeiros, se houver paralelamente um maior número de assinantes, nas turmas do nosso Liceu. Se tal se verificar, o que depende da boa vontade dos estudantes, o número de páginas poderá ser aumentado.

Horta. Um pouco mais perto aparecem moinhos típicos, desses que hoje tendem a desaparecer e que tanta graça dão às paisagens...

Mas nestas divagações o tempo passou. É preciso estudar. Ouço uma voz que me chama à realidade. Desço a correr as escadas, aborrecendo-me com este relógio que imperturbável avança e não me deixa contemplar mais descansadamente a bela Natureza que se estende diante da minha janela.

Maria da Conceição Medeiros  
3.º A

## O que vejo da janela do meu quarto

(Conclusão da 1.ª página)

longas tranças caindo despreziosas sobre o bibe de riscas azuis, que passa, a pasta repleta de livros, a caminho da escola, nos dias cheios de sol, sob a minha janela; ou então a outra, a pobrezinha, que não tem bibe nem pasta para os livros, deixa em casa sete irmãozinhos e passa tiritando de frio, nos tristes dias de inverno, sob a chuva inclemente, sandálias gastas pelo uso, pés nus, enorme e velho casaco sobre os ombros pequeninos e frágeis, mas tem em contrapartida uns cabelos lisos, um rosto mimoso, e uns olhos de porcelana, cor do céu, avidamente abertos para o mundo que a rodeia, onde sente não é admitida como a outra, a das negras tranças e aspecto cuidado, para a qual tudo será fácil na vida.

É o jovem estudante, livros sob o braço, sempre apressado, porque a indolência o retém na cama até mais tarde do que devia, e receia chegar atrasado à aula.

Fico então calada, muito quieta, receando ao menor movimento quebrar o silêncio que me envolve, de rosto colado aos vidros embaciados da minha janela, seguindo-o com a

(Conclusão da 1.ª página)

freu a ocupação durante a guerra, mas os seus chefes quiseram ser sempre portugueses. Mesmo debaixo das ameaças estranhas, secretamente, guardaram a bandeira das quinas e, quando libertados, mostraram-na.

E Angola, ensanguentada presentemente devido à cobiça dos estrangeiros, com o seu patriotismo tem sabido vencer essa cobiça alheia.

Portugal quer e deve a todo o custo continuar a manter as suas povincias ultramarinas. É uma sagrada herança dos nossos antepassados; e nós, como

seus descendentes, temos o dever de auxiliar o Estado e, se necessário fôr, dar o nosso sangue para que através de todos os tempos Portugal possa ostentar a herança que tanto custou aos nossos antepassados.

Se há guerras e desordens nas nossas provincias, não é por culpa dos portugueses, mas sim de outros povos, que se dizem mais adiantados, e que com astúcia nelas vão lançando a má semente da desordem. Mas na alma de todos os portugueses fulgura a esperança do Triunfo e da Paz.

Maria da Conceição Freitas da Rosa  
2.º ano

vista até vê-lo desaparecer. Pergunto imediatamente a mim própria o que irá ele pensando naquele momento, quais os problemas que o seu rosto impenetrável oculta da multidão atarefada que passa a seu lado. E as hipóteses sucedem-se, atropelam-se umas às outras: talvez uns pais incompreensivos, que esquecidos do que foi a sua juventude não hesitam em trocar daquilo que para os filhos é um problema sério, e para eles, adultos, uma tolice apenas: ou o receio de mostrar em casa o ponto escrito onde um Mau traçado a vermelho vem pôr fim aos belos sonhos arquitetados para o fim da semana, numa festa de clube local; ou então um amor infeliz, não correspondido, e que o faz sofrer intensamente essa primeira desilusão, julgando que no

## Desejo...

Que eu vejo morto,  
Pela sombra do medo,  
De um medo atrás,  
Que o possível,  
Torna impossível  
A vida feliz  
De quem queria  
Sem poder  
Vencer o desejo  
De te querer.

H. F.

mundo não há felicidade e não vale a pena viver-se uma vida assim.

Mas eis que observo uma velhinha, xaile sobre os ombros vergados ao peso dos anos, andar vagaroso e arrastado, apoiada a um bordão, rosto engelhado, cabelos ralos e brancos, pedindo esmola a quem passa... E a imagem do jovem estudante vai-se esfumando a pouco e pouco na minha mente. Aquele rosto semeado de rugas fundas, nobre, pelo qual os sofrimentos não passaram impunemente, faz-me sentir pequenina, diminuída, por um instante envergonhada da minha mocidade turbulenta, perante aquela velhice gloriosa. Quanta dor, quanta desilusão naqueles olhos claros, pacificados pelo sofrimento, naquela boca que sorri ainda bondosamente a todos, num agradecimento pela caridade alheia que lhe permite viver os últimos dias da sua já longa vida sem sofrer os rigores da fome. O que não terá padecido para agora, quando devia ficar a repousar em casa, ver-se obrigada a sair, desafiando as intempéries para angariar um naco de pão que irá constituir o seu parco jantar. A velhinha, devagar, desapareceu por entre os transe-

(Conclui na 3.ª página)

DESTERRO...

Ao que parece tem-se desenrolado, e continua a desenrolar-se, no 6.º ano de ciências, um dolorosíssimo drama.

Na realidade, embora só agora tivéssemos conhecimento do caso, ele comoveu-nos... E' que nos custa ver um rapaz, por acaso «muito bom rapaz», com o coração transbordante de amor, esforçando-se por manifestar a sua paixão junto da dama dos seus sonhos e não recebendo dela senão dolorosa recusas.

Repudiado!...

Eis o termo...

Rapaz, o melhor é esqueceres essa «funesta paixão» e deixá-la entregue aos seus projectos de fidalguia.

«Peneiras» a gasolina

Não era nada «peneirento»; até pelo contrário, com um pouco de benevolência, excluindo duas ou três «fraquezas» — porque todos as têm — podia ser considerado aquilo a que se costuma dar o nome de «um modelo de bondade e humildade».

Mas a mota...

Que Grande Explosão!!!

Consta que duma «ROCHA» sobranceira ao cais, brotou um verdadeiro vulcão de amor, cuja lava se expandiu até às costas da vizinha ilha de S. Jorge, causando um vitima nos Rosais.

Não é caso para admirar porque o mesmo vulcão, no seu primeiro periodo de actividade, em tempos recuados, atingiu a mesma ilha, mas pelo sitio da Urzelina!

O que faz estar atenta

O professor, referindo-se à poesia: «Descalça vai para a fonte...»

Leonor pela verdura... vai formosa e não segura... pergunta:

Porque é que Leonor não vai segura?

A aluna: — Porque pode partir a cantarinha!

Mas que Desculpa!

Na aula de Matemática, a Professora pergunta:

— P. porque não vieste ontem á aula?

P.: — Estive fazendo a barba, Senhora Doutora!

O que vejo da janela do meu quarto

(Conclusão da 2.ª página)

antes, mas o seu vulto continuou por muito tempo no meu pensamento, impedindo-me de prestar à rua a mesma atenção de antes. E foi só quando uma jovem mãe passou feliz com um b2bé risonho e fresco nos braços, que a velhinha desconhecida começou a diluir-se no meu espirito, perante esse novo e belo aspecto da vida.

Mas imediatamente vozes avinhadas ergueram-se, discutindo iradas na taberna aqui ao lado, e um ruído de bancos arrastados com violência veio quebrar aquele momento de poesia que sempre sentimos ao contemplar um bebé saudável e brincalhão, que por momentos nos faz esquecer com a sua inocência a

podridão que a vida contém. E toda a ruindade humana surgiu então na minha mente, ao ouvir aquelas vozes grosseiras de bêbedos inveterados, a gritarem alto, manchando o ar lavado e calmo desta tarde de outono. Aquilo causou-me náuseas, fez desaparecer bruscamente toda a doçura e poesia daquela hora tão bela, e então fugi, abandonei apressadamente a janela donde contemplo a Vida e vim para dentro refugiar-me na leitura.

E agora enquanto escrevo estas linhas, olho de vez em quando a cortina branca como a minha alma jovem, e penso com um sorriso cúmplice: como é indiscreta a minha janela!

Nadinai  
7.º ano

A MORTE DA VACA

Em tempos que já lá vão, vivia numa pobre casa uma família dum lavrador, cuja riqueza principal era um boi e uma vaca.

Ora um dia, um belo dia, mas triste para esta família, repararam que em casa não tinham nada para comer, e lembraram-se então de vender o boi, o que lhes causava muita pena, porque era um dos melhores amigos, tanto pelo trabalho como pela companhia que lhes ia fazendo.

O lavrador dirigiu o pensamento para uma casa grande e bonita, onde vivia um homem abastado daquela aldeia, como se alguma coisa lhe estivesse a dizer: «vai ali vender, que aquele tem dinheiro».

E com os olhos húmidos, olhando para o boi, seu amigo, foi bater à porta envernizada do rico dizendo: «Senhor, compre-me este boizinho», que quero matar a fome dos meus filhos, e não tenho dinheiro para lhes comprar o sustento.

O outro, à porta, disse-lhe com um olhar de desprezo: porque não trabalhas, meu miserável, havendo por aí tanta e tanta coisa a fazer e sem ninguém que queira trabalhar?

O lavrador respondeu que, trabalhava mas apesar disso, tinha necessidade de vender o animal.

O homem abastado, com uma voz rouca e bruta continuou: que me interessa isso?

O pobre voltou-lhe que realmente precisava.

E o outro:

— Deixa-te de coisas e trabalha, que é o melhor.

Mas o lavrador, sério, ripostou:

— O senhor só vive para comer e dormir; trabalho nunca soube o que era, e manda os outros trabalhar?!

Então ele, admirado, voltou-se súbitamente para o pobre e deu-lhe uma palmada amigável nas costas, exclamando:

— Homem! Tens razão. Há tantos anos que vivo e nunca encontrei um homem que me falasse com tanta verdade como tu! Tiveste essa coragem.

— O senhor faça o favor de desculpar, mas...

Oh meu amigo — interrompeu o rico, tirando a carteira do bolso — toma lá estes dois contos e leva lá o boi, pois tu vieste-me dizer o que eu nunca esperava, e deste-me uma lição.

O lavrador, surpreendido, despediu-se, agradecendo com profundo reconhecimento. Passou todo o caminho satisfeito. Até lhe deu para cantar.

Chegando ao alto dum outeiro, avistou o pequeno lar com os seus pobres jardins, donde duas crianças saíam a correr. Eram os seus filhos gémeos, que corriam ao encontro dele, chorando, porque a sua vaca leiteira tinha entretanto morrido de repente.

O lavrador, sabendo a noticia que seus filhos traziam, deu um suspiro e disse: — paciência! É para animar os filhos, continuou: Em breve teremos outra. (Mostrou-lhes o dinheiro e eles sorriram).

E conclui pensativo:

— Iremos vivendo como dantes.

(1963)

Aurora Matos  
4.º ano

Insatisfação

Nasci sofrendo,  
Ouisera não ter nascido,  
Sofro vivendo  
Quem dera não ter vivido!  
Mas... se eu morresse,  
Não queria ter morrido.  
E, se eu amasse  
A quem não fora devido,  
Antes nunca ter amado  
Sempre ter desconhecido  
A tortura dum amor  
Incompreendido.

9-10-64

Flor de Lis

# São assim os Estudantes...

## INTRODUÇÃO AO POEMA

### "Os Cabulíadas"

As sebatas e livros cabulados,  
Que desses veteranos doutro tempo,  
Por meios nunca dantes explorados,  
Passaram além do descaradamento,  
Em chumbo certo quase afogados,  
Mais do que esperavam do ano azarento,  
E entre apertos finalmente esperaram  
Nova repetição que prepararam.

E também as meninas garbosas  
Daqueles dias que vão alimentando  
O Amor, preguiça e tardes viciosas,  
De dia e de noite andaram passeando,  
E aqueles que por festanças ruidosas,  
Se vão, da algibeira, mais enterrando:  
Cantando espalharei por toda a malta,  
A fama da vergonha que lhes falta.

Cessem dos pontos o enunciado,  
E cessem as perguntas que eu não sei,  
Cale-se no professor e no encarregado  
A fama das muitas faltas que dei,  
Já canto férias de ano acabado,  
O qual reconheço que chumbei,  
Cesse o que o pai diz e a mãe canta,  
Que outra vida mais livre me encanta.

M. B.

### Que grande cabeça!!!

Estava a malta reunida no largo à espera da camioneta da Milícia, quando chega Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. G. M.; com ar de sopro e ventania, pergunta:

—Eh pá, vocês sabem se deixaram aqui um bivaque para mim?

LABY (muito a tempo) — Há pouco embarcou nele um individuo para o Pico!

É caso para se dizer que, com um pouco de boa vontade, levaria mais uns passageiros.....

### Trio do Azar

Parece que a turma finalista de Letras, sempre exemplar, foi infestada por pequeno mas vigoroso bando de malfazejos.

Esses veteranos da cabulice — O TRIO DO AZAR — após uma longa aprendizagem sobre a maneira mais astuciosa de passar a vida sem passar o ano, vêm mostrar os seus «préstimos», desencaminhando os colegas.

Deus nos livre de tal invasão que semeia a desordem e a cabulice por toda a aula!...

### AMOR E VELOCIDADE

A menina C. do 2.º ciclo andava de engate com um colega. Era vê-los todos os intervalos passeando o seu amor!

Porém surgiu entre nós novo personagem, vindo da ilha fronteira, segundo certos rumores, campeão de motociclismo.

Tanta gasolina gastou até que a roubou ao primeiro. O amor não olha a meios; mais litro... menos litro!...

### ..... E é isto a Ciência ?

Numa das muito frequentes e acaloradas discussões entre finalistas de Letras e ciências, um sábio menino, o M..... sai-se com esta afirmação científica:

—«Se não fôssemos nós, como comeriam vocês *bifes estrelados?*»

Oh meus amigos! com a vossa ciência de água doce, tanto ovos como bifes ficariam sem sal.....

### MAS QUE MÚSICA!...

Há agora por ai um conjunto chamado «O Trio Apaixonado», que tem causado verdadeira sensação. Tem sido uma autêntica competição entre os três — J. H., P. A. e M. L. — a ver qual compõe a melhor obra que melhor cative a já *cativa* dama.

O P. A. já tentou a sua sorte e compôs-lhe uma sentimentalíssima canção — abstraindo-nos da linguagem musical podemos chamar-lhe uma «sentimentalíssima declaração» — que, infelizmente, (para ele) foi desprezada...

Os outros dois que tentem também!...

### CONFUSÃO ?!

No 3.º ano, o professor pergunta:

— Como é composto o estômago de uma ave?

A aluna — Pança ou Bandulho, Barrete, Folhoso e Coalheira!

Diga-se a verdade..... que grande indigestão!!!.....

## "CINE FANTASMAS"

S/C

apresenta:

### Vidas Trocadas

COM: MAR MACEDY  
E ALDY BOY

Sensacional película, em que uma jovem troca toda uma vida de rebeldia e infantilidade, por um GRANDE amor.

Incrível! Único!

Extraído da famosa obra:

AMOR DESMEDIDO

## ANCESTRAL

Moram nesta alma, que parece omnicoeva,  
idades mortas, velhos tempos arrasados,  
como nas campas duma igreja medieva  
os religiosos, as infantas, os cruzados...

Não sei que espirito ancestral me anda a chorar  
dentro do coração, numa funda saudade...  
Pobre exilado que jamais hás-de voltar  
à adorada Sião da tua extinta idade!

Como um esquisso vago o doce, o Outrora passa  
ante o dorido olhar desta alma fim de raça,  
intransigente com o Hoje estiolante.

Oh! a saudade do enfermo sem remédio  
que, para se furtar à invasão do tédio,  
contempla da janela a paisagem distante!

Leva-me o coche a toda a brida. O olhar  
 saudoso lanço aos longes azulados,  
 cada vez mais delidos, recortados  
 na magia dum céu crepuscular.

Esquissos vagos, ceiros esfumados,  
 com que mágoa vos vejo desmaiar!  
 Com que saudade os olhos vão beijar  
 vossos contornos já tão apagados!...

Mas que é dos ermos, onde em dias idos  
 a minha alma gemia, confrangida,  
 charnecas e calvários ressequidos,

sem um vergel, sem uma flor, sem vida?  
 Fundem-se além, nos longes esbatidos  
 que eu contemplo do coche a toda a brida...

# ALMAS PENADAS

## I

Por noites velhas, num solar desabitado,  
com desertos salões e negros corredores,  
numa profunda paz de igreja amortalhado,  
surgem lamentações e tétricos clamores...

O temido solar onde erram avejões,  
almas de mortos espiando os seus pecados!  
Ouvem-se na mudez augusta dos salões  
gemidos cavos, passos lentos e arrastados...

Eu sou um tenebroso e vetusto solar,  
onde divagam, onde se ouvem suspirar  
almas penadas de remotos ancestrais...

Oh! tenho medo do meu intimo, onde tendes  
habitação, velhos avós, onde elevais  
a vossa voz misteriosa de duendes!

## II

O *cotillon* final. A orquestra sonolenta  
parece bocejar. Carnaval encerrado,  
Lá fora uma manhã chuvosa, macilenta,  
começa a abrir-se sobre o burgo amodorrado.

Ondeia a multidão das máscaras, tentando  
em vão deter ainda um raio de alegria  
que das almas se vai pouco a pouco escoando,  
ao passo que o cinzento, o bilioso dia,

como maré de tédio, invade as amplas salas...  
E pagens, arlequins, bobos, *pierrots*, zagalas  
vão, numa languidez que o seu cansaço atesta,

dançando sem prazer o *cotillon* moroso...  
Não conheces, minha alma, este encerrar de festa,  
a um bruno acordar de dia pluvioso?

## ELI! ELI!

Eu pressinto, Senhor, o vosso olhar  
aberto nessa muda imensidade.  
Vós conheceis portanto a soledade  
da noite em que vivemos, sem luar.

Não nos ouvis às vezes blasfemar,  
por nos crermos de todo na orfandade?  
e outras implorar vossa piedade  
para o nosso degredo, a soluçar?

Fria mudez responde aos nossos gritos  
e nós vamos, meu Pai, como proscritos,  
abandonados num caminho incerto...

Vossos olhos paternos e divinos  
não vêem estes filhos pequeninos  
que se afligem, perdidos no deserto?

## TROVA LUSITANA

Julgo que este coração,  
que chora em mim sem cessar,  
num saudoso recordar  
de tempos que longe vão,  
teve já vida e paixão  
noutra idade e noutro lar.

Se, de entre as coisas de agora,  
um tristonho olhar me envia  
velha alcáçova sombria,  
um solar ou torre moura,  
sinto que o mofino outrora  
ali palpitar soía:

flui a maré da saudade  
doutro tempo e doutra gente,  
e num suspirar dolente  
se vão amor e vontade  
de entre as coisas do presente  
em demanda doutra idade...

Graciosos romanceiros,  
velhos solaus olvidados,  
nos vossos versos amados  
falam donas, cavaleiros  
e donzéis enamorados,  
outrora meus companheiros!

Julgo que este coração,  
que chora em mim sem cessar,  
num saudoso recordar  
de tempos que longe vão,  
teve já vida e paixão  
noutra idade e noutro lar...

# EVOCAÇÃO

## O DÓLMEN

Fatiga o meu olhar o descampado imenso  
da tristonha charneca, a vastidão silente  
onde a urze rasteira, a silva, o tojo denso,  
da terra ao abandono, irrompem livremente.

Turva-me o coração, por esta soledade,  
uma tristeza vaga, uma melancolia,  
como a que no mar largo o viajante invade  
ao ver só água e céu, do barco em calmaria.

Estio, céu em brasa. E na manhã adusta  
nem uma aragem corre; apenas fogo absorvo.  
Amortalha o deserto uma mudez augusta  
que às vezes só perturba o crocitar dum corvo.

Junto à estrada real que na charneca passa,  
rodeado de tojo e de bravia erva,  
um dólmen que erigiu não sei que antiga raça,  
insensível ao tempo, intacto se conserva.

A contemplá-lo eu paro, e vem-me ao pensamento  
essa tribo, talvez hedionda e troglodita,  
que um dia edificou o tosco monumento  
que agora o meu olhar absortamente fita.

E eis que o vago pavor dum bárbaro passado  
pré-histórico, obscuro, a alma me domina;  
um pavor semelhante a esse pavor sagrado  
que se exala da noite e os fracos alucina. . .

Como se dum estranho e rústico sarcófago  
de súbito surgisse o espectro pavoroso  
de feroz caçador, veloso e antropófago,  
que há séculos sem conta ali achou repouso.

.....

Quantos impérios viu a terra despontar,  
florescer e cair depois que aí te elevas,  
testemunha imortal, relíquia singular  
dum confuso passado imerso em densas trevas!

## A G A G

— «Que gados ouço em torno a mim balar?»  
dizia Samuel, o servo do Senhor,  
pondo no rei Saúl o seu severo olhar.

— «São gados que tomou o povo vencedor,  
respondeu Saúl, à gente amalecita  
para abater no altar do Deus libertador.

À espada fiz passar essa nação maldita,  
como ordenou Jeová, desde o varão guerreiro  
até à criancinha e à mãe chorosa e aflita...

A Gilgal conduzi apenas prisioneiro  
o chefe de Amaleque, Agag, a quem poupei,  
mas que entre nós terá um duro cativo.»

— «E porque concedeste a vida ao impio rei  
que o Senhor condenará irrevogavelmente?  
Acaso podes mais que Deus em nossa grei?»

Adonai preza mais o servo obediente,  
que a carne do holocausto e a pira chamejante,  
cujo fumo dissipa o vento prontamente.

O Senhor afastou a face fulgurante  
de ti, homem rebelde, e em breve dará Ele  
ao povo um rei mais justo e menos vacilante. »

E tendo assim falado, o velho Samuel  
ante si mandou vir Agag, o rei vencido  
que Adonai entregara às hostes de Israel.

Como o rude leão que em laço foi colhido,  
tinha o amalecita o olhar esgazeado  
e olhava receoso em torno e aturdido.

— «O braço do algoz de mim foi desviado,  
disse ele humildemente, o rei me perdoou  
e entre vós viverei tranquilo e confiado. »

— «Como pode um mortal, o velho replicou, do suplicio o teu corpo impuro desviar, se o Senhor contra ti a minha mão armou?»

Erguendo o ferro então, que lampejou no ar, despedaçou Agag em postas, friamente, como se esquartejasse um toiro no altar.

Depois, erguendo ao céu o seu olhar ardente, com a vítima aos pés, orou calmo e sincero ante o Senhor Jeová, o Deus onnipotente.

E era espantoso o velho agigantado e fero, tintos de sangue humano os cabelos brancos, adorando o Senhor com ar fervente e austero...

No entanto no Carmelo os nevoeiros baços fundiam-se, e a manhã de pureza infinita era o rir de Adonai nos límpidos espaços.

Por terra, espostejado, o rei amalecita  
lembra a rês da oferenda, a rez que o fogo espera  
e que ante o altar feriu o braço do levita.

E a cabeça, a que a morte hediondo aspecto dera,  
a juba derramava em torno, em negros molhos,  
expondo em plena luz a máscara de cera  
que esgazeava para o céu os vitreos olhos...

## N A T A N

Fulva tarde estival. No seu jardim em flor,  
à hora em que o ocaso em vivas chamas arde,  
David, o bravo rei do povo do Senhor,  
embebe-se na paz da luminosa tarde.

Um bafejo de amor e bem-aventurança  
parece no azul suavissimo baixar...  
E através dessa tarde embalsamada e mansa  
pelos campos o rei espraia um lento olhar.

Ele descobre de entre os tamarindos belos,  
onde a brisa perpassa em lânguida carícia,  
esquissados ao longe, onagros e camelos  
que trazem a Sião riquezas da Fenícia.

Descobre a vastidão dos hortos e vinhedos  
com casais donde o fumo ascende à imensidade,  
e, edificadas entre outeiros e penedos  
dum tom trigueiro e triste, os muros da cidade.

## N A T A N

Fulva tarde estival. No seu jardim em flor,  
à hora em que o ocaso em vivas chamadas arde,  
David, o bravo rei do povo do Senhor,  
embebe-se na paz da luminosa tarde.

Um bafejo de amor e bem-aventurança  
parece no azul suavíssimo baixar...  
E através dessa tarde embalsamada e mansa  
pelos campos o rei espraia um lento olhar.

Ele descobre de entre os tamarindos belos,  
onde a brisa perpassa em lânguida carícia,  
esquissados ao longe, onagros e camelos  
que trazem a Sião riquezas da Fenícia.

Descobre a vastidão dos hortos e vinhedos  
com casais donde o fumo ascende à imensidade,  
e, edificadas entre outeiros e penedos  
dum tom trigueiro e triste, os muros da cidade.

Desmaiam na amplidão colinas vaporosas,  
sobre o poente de oiro e púrpura de Tiro.  
É a hora em que exala o coração das cousas,  
como perfume vago, um místico suspiro...

E eis que do rei se acerca um singular ancião  
de magreza espectral, da cor dum moribundo.  
Recorda o seu cabelo a juba dum leão  
e tem um brilho estranho o seu olhar profundo.

—«Eleito do Senhor, a paz seja contigo,  
diz ele, eis-me ante ti, David, filho de Isai.»  
—«Seja contigo a paz. E quem és tu, amigo?»  
—«Bom rei, eu sou Natan, um servo de Adonai.

O Senhor de Abraão e Isac assim se exprime:  
*Vai, busca o rei que ungiu a mão de Samuel  
e narra-lhe, Natan, o revoltante crime  
que ante mim cometeu um filho de Israel.*

Há um homem, ó rei, a quem decorre a vida  
na opulência, tem rebanhos, servos, hortos.  
O Senhor, que nos deu a terra prometida,  
cercou esse varão de bens e de confortos.

E à sombra do casal desse homem poderoso  
abrigava-se humilde uma cabana velha,  
onde vivia um ser tão pobre e desditoso  
que apenas possuía uma pequena ovelha.

Desde infância a criara, um entranhado affecto  
por ela germinara em seu bondoso peito.  
Amava-a como se ama um filho predilecto;  
dava-lhe do seu pão, deitava-a no seu leito.

Ora um dia um viandante o homem rico aborda,  
e este à sua morada o leva a pernoitar.  
Mas em vez de abater uma vitela gorda  
das muitas que possui, a fim de o regalar,

toma a ovelha do pobre, abate-a sem piedade  
e em alegre festim ao estrangeiro a dá.  
E é o cruel autor de tal iniquidade  
um varão circunciso, um filho de Jeová!>

— «Vive o Senhor Jeová!—exclama aceso em ira  
o vencedor de Amon, ao ouvir palavras tais.  
Quem tal fez é infame! E, se eu o descobrira,  
dá-lo-ia em banquete aos corvos e aos chacais.»

— «Pois digo-te em verdade, o velho clama então  
numa tremenda voz que o eco repetiu,  
que o criminoso autor duma tão vil acção  
és tu, rei de Israel, que o Senhor ungiu!

Tu, que possuis o ouro, esposas, o poder  
e inumeráveis bens que Deus te concedeu,  
tomaste iniquamente a única mulher  
do teu servo fiel, Urias, o eteu.

E afrontando impiamente a cólera celeste,  
ó desvairado rei, além de tal pecado,  
ao bárbaro furor dos Amonitas deste  
pèrfidamente o teu intrépido soldado.

Mas o Senhor Jeová, que nos tirou do Egipto  
e nos deu Canaan abençoada e amena,  
vai, ó rei de Israel, punir o amor maldito  
com que o anjo do mal o peito te envenena.

Prepara-te, homem fraco, escravo da luxúria,  
pois vai Betsabé ver seu filho amortalhado,  
vai a morte ceifar essa vergôntea espúria  
da planta que o Senhor havia abençoado.

Ocultaste o teu crime em vão, pois não consegues  
fugir à punição. Verás em breve as mães  
dos filhos dos teus rins a um inimigo entregues,  
como um triste rebanho abandonado aos cães.

E o que à noite fizeste assim como um bandido  
fá-lo-á o Senhor na límpida manhã.

Ante todo o Israel serás, ó rei, punido  
à luz do vivo sol que doira Canaan!>

Depois de assim falar com desassombro santo  
a esse que empunhava um poderoso ceptro,  
o servo de Adonai, cingido no seu manto,  
do jardim se afastou, subtil como um espectro.

Ora o rei de Israel, perante essa invectiva,  
transtornado ergue ao céu uns olhos de terror,  
clamando numa voz aflita e convulsiva:

«Minha vida manchei, pequei contra o Senhor!»

E imerso em negra mágoa após ficou cismando,  
a cabeça inclinada, imoto, as vistas fitas  
na noite que fechava e ao longe ia afogando  
as cumeeiras azuis dos cerros moabitas...

# JOÃO BAPTISTA

## I

Paisagem rufa e penhascosa, um dia adusto.  
Sentado sobre um morro um homem só e absorto,  
pondo no céu de fogo a nódoa do seu busto,  
contempla lá ao longe as águas do Mar Morto.

Por este ermo pais de fome e desconforto  
onde a urze enfezada apenas brota a custo,  
deixou ele o seu lar, a vinha e o fresco horto  
onde a palmeira ostenta o seu perfil venusto.

Crescem-lhe incultamente as barbas e o cabelo.  
Cingindo os brunos rins no coiro dum camelo,  
vive como um leão entre essas penedias.

E aterra a sua voz tal como a de Jeová...  
Perguntam, ao ouvi-lo, os homens de Judá:  
«Acaso será este o espírito de Elias?»

## II

No frescor duma gruta, à hora mais ardente,  
escutando a canção que uma cascata entoa,  
Herodias afaga Antipas indolente,  
e o seu olhar acusa um cio de leoa.

Nisto uma rude voz, bramindo iradamente  
como a voz dum leão, pelo jardim reboa:  
«Filha de Babilónia, afasta-te, impudente!  
Monarca incestuoso, o céu te amaldiçoa!»

Eles vêm então de pé, junto da gruta,  
um homem seminu, de cabeleira hirsuta,  
tendo no olhar de fogo uma expressão bravia.

Perturba-se o Tetrarca e todo treme ao vê-lo...  
E julga ouvir a voz do velho do Carmelo  
que invectivou outrora Acab em Samaria.

### III

Herodias medita à noite num terraço  
do castelo erigido em alta rocha escura,  
medita contemplando a limpidez do espaço,  
ao mágico luar que tudo transfigura.

Aniquilar enfim esse que a cada passo  
de injúrias a cobria, a rude criatura  
que, mesmo na prisão, sem tréguas, sem cansaço  
rugindo, verberava a sua vida impura.

Contempla distraída o céu, a lua cheia,  
sinuosos perfis dos montes da Judeia  
e os ermos do Jordão caiados de luar.

Mas nisto solta um grito. A lua, à sua vista,  
assumia as feições do lívido Baptista  
e fitava-a do céu com rancoroso olhar...

Pálido e mudo, o velho Antipas contemplava, em meio do festim, um negro alto e possante que no salão, aonde a embriaguez reinava, trazendo uma bandeja, entrara nesse instante.

Nessa bandeja de oiro erguia-se, sangrando, uma cabeça humana, há pouco decepada, no sangue a cabeleira e as barbas ensopando, o olhar baço e medonho, a face transtornada.

«Ó profeta de Hebron, disse ao vê-lo um patricio, vens pregar penitência e verberar o vício?»  
E atirou-lhe um caroço, a rir cínicamente!

Insensível, porém, à crua zombaria, a cabeça fitava a alegre companhia com seu esgazeado olhar inconsciente...

## T A B I T A

Foi assim que Simão, Sefas cognominado,  
no sepulcro acordou a boa irmã Tabita,  
junto de quem chorava um bando desolado  
de mendigas, erguendo a aguda voz aflita.

«Tabita é morta, é morta a tecedeira santa  
que vestia a nudez dos pobres entre nós!»  
Assim, na paz da tarde, em grita se levanta  
das filhas de Jopé a consternada voz.

Sim, nesse adormecer de tarde olente e pura,  
em que já desbotava o ocaso de carmim,  
e em que o céu era fundo e cheio de doçura,  
do mar azul de Tiro aos montes de Efraim,

E eis que se ouve, por entre a lastimosa grita das aflitas irmãs, o velho pescador exclamar, contemplando a livida Tabita: — «Levanta-te, mulher, em nome do Senhor!»

E (prodígio estupendo) a essa evocação, a morta, que ali jaz inerte e cor de cera, no sepulcro se senta e encara a multidão, à prateada luz da lua que se erguera.

O povo ajoelha então atónito, assombrado, e em fêrvida oração o céu profundo fita... Foi assim que Simão, Sefas cognominado, no sepulcro acordou a boa irmã Tabita.

# A B R U X A

## I

Ruivo e possante como um bárbaro suevo,  
montando um espelhento e vivido murzelo,  
numa manhã de Abril cheirosa a campo, a trevo,

D. Ordonho transpõe as portas do castelo.  
Acompanham o conde os pagens e monteiros  
e a moça castelã de olhar macio e belo.

O nobre D. Ordonho, a flor dos cavaleiros,  
que foi numa cruzada e viu guerras cruéis,  
vai javardos caçar por cerros e outeiros,

enquanto não dá caça a perros infiéis.  
Misturam-se ao clangor alegre da buzina  
o latir da matilha e os rinchos dos corcéis.

E eis que, ao atravessar a passo uma campina,  
a cavalgada encontra um velho cavador,  
que em profunda mesura ante o senhor se inclina.

«Eu venho a vossos pés, meu conde em eu senhor,  
—diz humilde o vilão, para vos suplicar  
que nos livres dum ser que o Eiramá foi pôr

na nossa aldeia, a fim de o povo atormentar.  
E', senhor, uma horrenda e velha feiticeira  
cujo infernal poder nem eu vos sei contar.

Quanta vez ao serão, sentados à lareira,  
nós a vemos entrar tornada em gato preto,  
que logo após se esvai qual fumo da fogueira!

Eu tinha, nobre conde, um pequenito neto  
rosado e lindo como um fruto sazonado,  
que era a minha alegria, o meu maior affecto.

Pois vi-o expirar sequinho, escaveirado,  
com feitiços que fez a bruxa desumana,  
só por eu não partir com ela o meu cevado.

Por noite velha, e quando o céu todo se empana  
de nuvens cor de chumbo, ao negro cão tihoso  
vai falar à charneca a pérfida marrana... »

— « Sim, justiça farei » — volveu o poderoso  
e nobre cavaleiro ao suplicante velho.  
E meteu a galope o seu corcel nervoso,  
cuja anca rebrilhava ao sol como um espelho.